



O OSCAR VAI PARA: o impacto da representatividade feminina no desenvolvimento da identidade

And the Oscar's goes to: the impact of female representativeness on identity development

Lorrany Silva de Sousa¹, MSc Luana Comito Muner²

RESUMO

Ao abordar o tema representatividade se fala na luta em expor que existem diferentes grupos de pessoas e por espaço para estes na grande mídia, dessa forma é possível gerar possibilidades e empoderamento para todos. Durante a maior parte do cinema, as mulheres receberam representações indignas de sua realidade e personalidade, representando personagens secundárias sem grande importância para a trama ou protagonistas baseadas em estereótipos. Logo, se delimita o seguinte objetivo de pesquisa: Compreender a importância de representações femininas no cinema e como elas podem afetar o processo de formação de identidade usando como amostra o Oscar, premiação de cinema. Para se obter uma resposta, foi utilizado o método de análise de frequência nos indicados a melhor filme nos últimos dez anos da premiação, por meio do teste de Bechdel, que avalia a representação feminina em filmes através de três critérios, I) ter ao menos duas personagens femininas nomeadas; II) as duas personagens devem conversar entre si; e III) está conversa não pode ter um homem como foco principal, para que um filme seja considerado aprovado, ele deve contemplar todas essas categorias. Por meio deste, foi possível constatar que dos 85 filmes analisados, 52 foram aprovados no teste e 33 reprovaram, sendo que 20 reprovaram por contemplar apenas uma categoria do teste, 8 duas categorias e 5 não contemplavam nenhuma das exigências.

Palavras-chave: Representatividade Feminina. Cinema. Desenvolvimento da Identidade. Teste de Bechdel. Oscar.

ABSTRACT

When the topic of representativeness is approach, we talk about the struggle to show that there are distinct groups of people and for space for them in the mainstream media, in this way it is possible to produce possibilities and empowerment for all. During most of cinema, women received unworthy representations of their reality and personality, most of times representing secondary characters with no relevance to the plot or protagonists based on stereotypes. So, the following research objective is defined: Understanding the importance of female representations in cinema and how this can affect the process of identity formation using the Oscar's, a film award, as example. In order to obtain an answer, was used the frequency analysis method in the nominees for best picture in the last ten years of the award, through the Bechdel test, which evaluates the female representation in films through three criterion, I) to have at least two named female characters; II) the two characters must talk to each other; and III) this conversation cannot have a man as the main focus of the conversation, for a film to be considered approved, it must contemplate all these categories. Through this, it was possible to verify that of the eighty-five films analyzed, 52 were approved in the test and 33 failed, with 20 failing to contemplate only one category of the test, 8 two categories and 5 did not contemplate any of the requirements.

Keywords: Women Representativeness. Cinema. Identity Development. Bechdel Test. Oscar.

1 INTRODUÇÃO

A popularização das redes sociais possibilitou a abertura de diversas discussões importantes que antes não eram tão viesadas pela falta de comunicação entre diferentes classes. Uma dessas pautas é a representatividade, que surge da ação de se sentir representado por algo ou alguém. Sousa (2020), aponta que quando se fala em representatividade se fala da luta em mostrar que existem diferentes tipos de pessoas e por espaço nas grandes mídias (filmes, series, livros, política, novelas)

¹ Graduanda de Psicologia da Faculdade Cathedral, Boa Vista-RR. E-mail: lorranysousa7@gmail.com

² Doutoranda em Distúrbios do Desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo-SP, Mestra e Graduada em Psicologia pela Universidade São Francisco, Itatiba-SP, Coordenadora e Docente do curso de Psicologia da Faculdade Cathedral, Bos Vista-RR. E-mail: luanamuner@gmail.com

para mulheres, negros, indígenas e LGBTQIA+.³ Dessa forma é possível trazer para todos uma visão de possibilidades e sensação de empoderamento.

A invisibilidade de boas representações pode ser muito prejudicial para a maneira como o indivíduo se percebe e se sente dentro dos grupos. A exclusão e marginalização de certos grupos pelas representações na mídia podem causar um sentimento de não pertencimento e pode afetar diretamente sua autoestima, fazendo com que o indivíduo questione as suas origens e procure se adequar aos padrões impostos por eles, afetando assim a formação de identidade (SOUSA, 2020). Contudo, durante a maior parte da existência do cinema e mídias sociais no geral, as mulheres não receberam representações dignas da realidade de suas lutas e personalidades, representando quase sempre personagens secundárias sem grande importância para a trama ou protagonistas banhadas em estereótipos (CADORE; MONTEIRO, 2018).

Além do interesse das pesquisadoras, o estudo se justifica pelas seguintes razões: pela busca por meio de dados de evidenciar como o cinema pode ter impacto na personalidade, identidade e autoestima daqueles que o consomem. Atrair atenção acerca do tema, procurando possíveis falhas em colocar a representatividade em prática ao mesmo tempo que sugere modificações e aponta acertos em certos casos. Demonstrar como a representatividade estereotipada pode ser prejudicial para a formação de identidade além de acarretar para a visão que a sociedade tem das mulheres e a cobrança que depositarão para atender aos padrões impostos. E também ressaltar como uma representatividade fidedigna sem uso de estereótipos pode facilitar todo o processo de formação de identidade além de auxiliar na construção de uma boa autoestima. A realização desse trabalho também será útil para pesquisas futuras acerca do tema, pois trabalhos publicados sobre o assunto ainda são escassos.

Assim sendo, apresenta-se a seguinte pergunta problema de pesquisa: Como a representatividade pode impactar a formação de identidade da mulher? Logo, se delimitam os seguintes objetivos da pesquisa: Compreender e avaliar a importância de representações femininas no cinema e como elas podem afetar o processo de formação de identidade usando como amostra o Oscar, premiação americana de cinema. Mas, para obtenção de uma resposta mais eficaz para esse objetivo geral, se traçou os seguintes objetivos específicos: Caracterizar a participação das mulheres nos filmes, analisar os papéis dados a elas, verificar o uso de estereótipos e sexualização das mulheres no cinema e como isso afeta a imagem, ilustrar a importância da representatividade feminina no cinema, conceituar a formação de identidade e relacionar o papel da representatividade no cinema na formação de identidade. O método de pesquisa utilizado foi o de análise de frequência, utilizando como amostra os indicados ao Oscar de melhor filme nos últimos dez anos, por meio do teste Bechdel que avalia representatividade feminina.

O trabalho se divide em quatro tópicos, sendo eles, um breve histórico da mulher no cinema, a construção estereotipada da mulher no cinema, a luta por pluralidade e o processo de identificação e a importância da representatividade. O tópico inicial chamado um breve histórico da mulher no cinema é uma apresentação de forma resumida da evolução do cinema contemporâneo e dos papéis femininos através de filmes, atrizes e personagens mais importantes de cada década de 1930 até hoje. No tópico a construção estereotipada da mulher no cinema se resgata os papéis femininos já apresentados no primeiro tópico de forma mais aprofundada para se refletir acerca dos estereótipos que rondam tais personagens e atrizes nos filmes e como eles não representavam as lutas, conflitos e vidas das mulheres reais. No tópico luta por pluralidade é discutido como as teorias feministas nem sempre são inclusivas para todas as mulheres, onde as colocam como um único denominador, excluindo, por exemplo, questões que assolam mulheres negras e lésbicas, cada grupo de mulheres

³ Na sigla LGTBQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queers, intersex, agêneros, assexuados e mais) cada letra representa um grupo de pessoas. A comunidade LGBTQIA+ surge como um movimento político e social e uma base que busca incluir todas as bandeiras ao mesmo tempo que ressalta a individualidade que cada letra da sigla traz para o movimento, buscando igualdade, respeito e direitos para os indivíduos que a ela pertencem (BORTOLETTO, 2019).

terá seu tipo de luta e estereótipos a serem combatidos. No último tópico, o processo de identificação e a importância da representatividade se exprime a necessidade de ter boas representações durante o período de formação de identidade e como a identificação é uma ferramenta importante para formação de personalidade e autoestima. A falta deste fator acarreta consequências que perduram pela vida inteira desse indivíduo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 UM BREVE HISTÓRICO DA MULHER NO CINEMA

No que foi considerado início do cinema, de 1908 a 1918, as personagens femininas sempre desempenhavam o papel de donas de casa ou donzelas em perigo, que acabavam por ser salvas no final pelos protagonistas masculinos. Na segunda fase do cinema, conhecida comumente como cinema mudo, rompeu a figura das “vamps”, personagens que no início aparentavam apenas serem misteriosas, mas na realidade eram sedutoras e perigosas, muito caracterizadas pela sua maquiagem escura e pesada ao redor dos olhos (ROCHA, 2019).

Com a popularização dos filmes *noir* em 1939 fundou-se a possibilidade de dois tipos de personagens femininas, de um lado existia a personagem meiga e diligente, e do outro a personagem misteriosa, sensual e dominante. Ambas tinham um papel coadjuvante e serviam para enredar os conflitos existenciais do protagonista entre o certo e o errado, a domesticação e a vida livre. Nos anos 50 a figura feminina finalmente começou a ganhar espaço no protagonismo das produções, porém ou eram retratadas como inocentes, com suas ambições orbitando ao redor da busca pelo homem perfeito ou eram meramente resumidas a papéis sexualizados. Este paralelo pode ser exemplificado pelas duas grandes estrelas da época, Doris Day e Marilyn Monroe. Doris Day representando o estereótipo inocente e Marilyn o de sensualidade (ROCHA, 2019).

Já na década de 60, com o filme *Bonequinha de Luxo*, se deu a oportunidade de o público acompanhar uma personagem onde o casamento, a inocência ou a sensualidade não eram o foco principal de suas aspirações e personalidade, entregando um novo tipo de enredo a ser desempenhado pela mulher no cinema, o de independência e busca por seus sonhos. Porém, segundo os produtores do filme, o mundo ainda não estava pronto para ver uma mulher totalmente independente, logo no fim do filme a protagonista acaba desistindo de seus costumes de vida livre para se casar com o mocinho, mas não deixou de ser um grande avanço para o enredo que os papéis femininos passariam a ter nos filmes (ROCHA, 2019).

Os anos 70 e 80 foram marcados pela popularização dos filmes de horror *slashers* onde geralmente um assassino a solta mata pessoas a sangue frio com direito a muito sangue e cenas violentas, um ponto interessante a ser observado é que a maiorias das vítimas com mortes super violentas são mulheres. Os filmes nessas décadas costumavam retratar movimentos conservadores acerca da feminilidade, sexualidade e da juventude através dos filmes de terror, usando dos seus artifícios para incriminar e castigar os comportamentos que cercam o descobrimento da sexualidade, sexo e o uso de bebidas e drogas, afinal, as vítimas quase sempre são mortas quando estão fazendo algo considerado como errado para o pensamento conservador e os que sobrevivem são personagens mais moralistas que seguem as regras (CLOVER, 1993 apud LARocca, 2014).

Do fim dos anos 80 até os anos 2000 o gênero mais popular no cinema eram as comédias românticas, com esse novo gênero surgiu um padrão nas personagens femininas visto em grande parte dos filmes, o *Manic Pixie Dream Girl* (MPDG- garota maníaca fada dos sonhos, tradução das autoras). O termo foi criado pelo jornalista e crítico de cinema Nathan Rabin para se referir a personagem de Kirsten Dunst no filme *Tudo Acontece em Elizabethtown* (2005). Essa nomenclatura abreviada como MPDG se refere às personagens que tem apenas um propósito em seu enredo, mudar a vida do protagonista deprimido e sem perspectivas, elas geralmente são inocentes, destemidas, belas, animadas, excêntricas e sem muita profundidade (FEITOZA, 2021).

As comédias românticas geralmente têm uma narrativa padrão, que pouco se altera de filme para filme, e que foi sofrendo alterações sutis para se adaptar a cada nova geração de espectadores. O enredo basicamente se concentra na narrativa majoritariamente heterossexual de *girl meets boy* (garota conhece garoto) e os conflitos que os impedem de ficar juntos até a conclusão do filme com final feliz. As protagonistas femininas desse gênero apresentam rostos e características físicas infantis ao mesmo tempo que tem corpos sensuais e adaptados ao padrão de beleza da época, são destemidas e estão à procura do amor desesperadamente ou são emocionalmente desprendidas que não acreditam no amor, mas irão se apaixonar de qualquer jeito pelo protagonista masculino (LIMA, 2010).

2.2 A CONSTRUÇÃO ESTEREOTIPADA DA IMAGEM DA MULHER NO CINEMA

Logo que se deu a criação do cinema, os filmes não tinham grandes enredos, a tecnologia não era bem desenvolvida então, basicamente eram apenas capturas de objetos em movimento em curtos takes. Com o passar do tempo, e o aperfeiçoamento dessa arte que se iniciou o desenvolvimento de personagens, principalmente espelhados nos estereótipos do que a cultura norte-americana via como, gênero, raça e nacionalismo (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2020).

Uma classe que iria sofrer uma representação estereotipada e não realista seria a das mulheres, com exemplo dos filmes *noir* que foram febres nas décadas de 40 e 50. Enquanto as mulheres fora das telas já conquistavam o direito do voto por exemplo, nos filmes as *femme fatales* seguiam sendo retratadas o mais longe possível dos cargos de poder como uma mera distração e ameaça aos homens por conta do seu comportamento provocativo e frio, sendo quase sempre punidas nos fins dos filmes e apenas recebendo uma retratação quando suas personagens se redimem ao que é considerado certo pela moral patriarcal (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2020).

Durante a segunda onda do feminismo, iniciada na década de 1960, o sistema patriarcal que rondava as mulheres no cinema começou a ser questionado, se percebeu que o papel das mulheres nos filmes era sempre o do outro, nunca sendo a protagonista de sua narrativa, sendo vistas apenas como alvo do voyeurismo masculino, tendo sempre um papel submisso ao protagonista e ao público masculino (GUBERNIKOFF, 2009).

Mulvey (1975), propulsora da teoria feminista do cinema, irá discutir em sua obra, prazer visual e o cinema narrativo, o uso da mulher como uma imagem das fantasias do homem e não como ação de seus próprios desejos, dizendo:

A mulher, desta forma, existe na cultura patriarcal como o significante do outro masculino, presa por uma ordem simbólica na qual o homem pode exprimir suas fantasias e obsessões através do comando linguístico, impondo-as sobre a imagem silenciosa da mulher, ainda presa a seu lugar como portadora de significado e não produtora de significado (MULVEY, 1975, p 805).

A partir da popularização da Teoria Feminista do Cinema, os estúdios começaram aos poucos a alterar a forma como retratavam as relações entre personagens homens e mulheres, trocando os papéis, tendo a mulher por vezes sendo a ativa das ações dos filmes e o homem o objeto de desejo. Porém, com essa mudança acabou por surgir um novo estereótipo para as mulheres, a de pouco feminina (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2020).

A síndrome da coadjuvante hiper-competente se popularizou a partir dessa mudança, essas personagens ganham destaque nos filmes por sua inteligência e força em lidar com os conflitos, mas mesmo sendo claramente mais competentes que os homens, sempre acabam em algum momento sendo as mais frágeis com a necessidade de serem resgatadas pelo protagonista em seu ato heroico. Como por exemplo em *Star Wars: uma nova esperança* (1977), a princesa Leia se mostra mais conhecedora, inteligente e competente que os protagonistas masculinos, mas mesmo assim o enredo se baseia no resgate dela na base inimiga (CADORE; MONTEIRO, 2018).

Outros estereótipos que surgiram nos filmes dessa época são: a síndrome Trinity, inspirado na personagem de *Matrix* (1999) de mesmo nome, onde a única função das personagens é ser competente

e nada mais; o princípio Smurfette, onde o filme conta com apenas uma personagem mulher pra suprir toda a representatividade feminina do filme; e o androcentrismo, onde mesmo que o filme seja protagonizado por uma mulher, existem mais personagens masculinos e os homens tem mais falas (CADORE; MONTEIRO, 2018).

Na obra *A mulher e o cinema: os dois lados da câmera* (1995), Ann Kaplan declara que a mulher em Hollywood, desde os anos 30, pode cumprir três papéis: a mulher cúmplice, com comportamento frágil; a mulher resistente, que luta por suas realizações e direitos; e a mulher pós-moderna, que já se encontrou e conquistou sua liberdade, logo, já está pronta para encarar situações novas que se originem no seu novo espaço. Ela também ressalta o fato de o cinema americano ser sustentado por uma ideologia patriarcal que cria o estereótipo da mulher em função dos desejos deste patriarcado (KAPLAN, 1995).

A MPDG irá ilustrar bem essa ideia, afinal ela serve apenas como acessório do desenvolvimento emocional do protagonista masculino sem ter qualquer desenvolvimento no seu próprio enredo, a colocando mais uma vez num local de submissão às vontades e desejos do patriarcado (DUTRA; HERZOG, 2016). Rabin (2014), criador do termo, descreve essas personagens como personagens rasas que existem apenas por conta das necessidades de diretores de ensinar jovens homens as aventuras e mistérios da vida.

Segundo Oliveira e Oliveira (2020), os estereótipos são criadores de significado que buscam reprimir o papel da mulher na sociedade e que eles se concretizam na forma que as mulheres se vestem e se comportam nos filmes, caracterizadas pelas roupas curtas e onde mulheres mais sexys são priorizadas para escolhas de papéis. Existe uma ideia de inclusão, mas as mulheres estão lá quase sempre para perpetuar estereótipos e um padrão de beleza inalcançável e que não representa as mulheres reais.

As autoras Cadore e Monteiro (2018) debatem como a falta de representatividade vivida pelas mulheres na indústria do cinema, tanto por trás das câmeras quanto em seus papéis na tela, afetam a construção da imagem feminina na sociedade. As autoras pautam suas discussões na hipótese de que a falta de representatividade de mulheres por trás das câmeras acarreta a construção de estereótipos associados à personalidade feminina. É interessante observar que a presença de homens em trabalhos como direção, roteiro, produção e editores é consideravelmente maior que a de mulheres. Um estudo feito sobre a presença de mulheres nos bastidores de 250 filmes entre 1998 e 2012 mostrou que os homens ocuparam 98% dos cargos de direção enquanto as mulheres apenas ocuparam 2%, essa diferença exorbitante sendo repetida no cargo de roteirista onde os homens ocuparam 85% dos cargos e as mulheres apenas 15%.

Sendo assim, é possível notar como a falta de representatividade e a representação estereotipada afetam a maneira como as mulheres são tratadas, vistas e aceitas pela sociedade. O estereótipo frágil e sensível leva muitas vezes as mulheres a não receber o devido respeito como profissionais e figuras de força. A ideia de sempre ser salva por um personagem masculino impõe às mulheres uma submissão e dependência de figuras masculinas, a falta de mulheres em papéis de liderança impede que uma visão justa da realidade seja comercializada e retratada em produções cinematográficas e também em outros âmbitos da sociedade (CADORE; MONTEIRO, 2018).

2.3 A LUTA POR PLURALIDADE

As principais teorias feministas dão grande importância a oposição entre o masculino e feminino, porém esse viés não é inclusivo para todas as mulheres, o denominador comum nesta equação seria o ser mulher, mas nem todas as mulheres passam pela mesma luta ao mesmo tempo. As mulheres não-brancas e lésbicas são um exemplo de divergência de inclusão nessas teorias (FERREIRA, 2018).

Gaines (1999), não diz que a mulher branca não sofre com os estereótipos, é inegável que todas as mulheres sofrem há anos com a má representação, porém as mulheres negras sofrem com estereótipos marginalizados. Ela irá ilustrar dois estereótipos fortes dados a mulheres negras, o de

sexualidade feminina ou corpo maternal. Já Silva (2017), irá chamar atenção para um padrão onde atrizes e atores negros só recebem enredos e papéis de destaque quando o filme retrata escravidão, segregação racial ou bairros que sofrem com marginalização e a dificuldade do povo negro.

Young (1996), critica as falhas na teoria feminista do cinema proposta por Mulvey (1975) por não ser inclusiva as mulheres negras. Segundo ela, as mulheres negras são punidas sendo colocadas sempre em papéis periféricos, não participam do culto às estrelas pois não tem o pré-requisito principal para isto, que é o padrão europeu da pele branca. Young (1996), também pontua como as personagens negras geralmente servem como contraposto das personagens brancas, recebendo papéis cômicos, infantilizados e que associam a negritude à pobreza.

2.4 O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DA REPRESENTATIVIDADE

Segundo Freud (1923,1925), o processo de identificação é de grande importância para a formação do eu e da personalidade, e a cultura pode ser muito importante e influente nesse processo, para ele, a identificação é uma manifestação afetiva de grande importância e participa de forma essencial na formação do caráter.

Usando como exemplo o complexo de Édipo, o filho deseja ser como o pai, tendo-o como modelo, logo, o pai é o objeto de identificação deste filho. Porém, com o passar do tempo o filho começa a enxergar o pai como uma ameaça a sua relação com a mãe, então essa admiração e identificação se torna hostil, o garoto para de apenas ver o pai como um modelo a ser seguido para efetivamente ter o desejo de tomar o seu lugar. Portanto o processo de identificação tem dois extremos, o afetivo e o hostil (SANTOS; CASETTO, 2020).

Ao fim do complexo de Édipo, pode ocorrer de nascer uma identificação com a mãe ou um fortalecimento na identificação com o pai, o mesmo ocorre tanto com meninos quanto com meninas nesta época do desenvolvimento chamado como Psicosexual para Freud (SANTOS; CASETTO, 2020). Com o amadurecimento outras figuras também irão despertar um sentimento de identificação no sujeito, como por exemplo, figuras de autoridade. Freud diz que “os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, com base no mesmo ideal do eu”. (FREUD, 1923,1925, p. 34), ou seja, o processo de identificação é a procura por figuras que representem e se pareçam com o indivíduo.

Histórias são importantes para o desenvolvimento, pois durante esse período se depara com inúmeros dilemas psicológicos, e um protagonista que luta, enfrenta fronteiras e acaba vencendo dialoga diretamente com o ego que está se desenvolvendo o fortalecendo. Ou seja, as histórias têm o papel de trazer personagens que exerçam identificação para lutas internas dos indivíduos de forma simbólica (SANTOS; CASETTO, 2020).

Dowling (1981), descreve o chamado Complexo de Cinderela, onde as mulheres tinham o desejo inconsciente de abandonar a vida profissional para se dedicar ao marido, isso se dá porque durante o processo de identificação das mulheres elas se deparam com situações sociais de opressão e como uma defesa busca o conforto da gestão familiar (CASSEPP; BORGES, 2007 apud SANTOS; CASETTO, 2020).

Em uma pesquisa feita com adolescentes, Santos e Casetto (2020), encontraram aspectos que despertavam a identificação desses adolescentes com personagens, sendo: a identificação com quem já se é, onde os adolescentes mencionaram características em comum com os personagens citados; identificação com quem gostaria de ser, onde os personagens citados ocupavam o lugar de modelo a ser seguido por eles; e a identificação com quem queriam como par, onde os personagens ocuparam o local de objeto de desejo (SANTOS; CASETTO, 2020).

A representatividade é o fator que possibilita se sentir acolhido por um grupo sem precisar negar sua verdadeira identidade e personalidade para ser aceito. Ser representado por uma pessoa ou grupo desperta uma afetividade que permite com que experiências e sentimentos possam ser compartilhados de forma mais orgânica e que a convivência seja melhor. A exclusão e marginalização de certos grupos pelas representações na mídia podem causar um sentimento de não pertencimento e

pode afetar diretamente sua autoestima, fazendo com que o indivíduo questione as suas origens e procure se adequar aos padrões impostos por eles (SOUSA, 2020).

Esse processo se torna ainda mais importante durante a infância, nesse período a personalidade começa a ser formada pelo que é ensinado como certo e errado em si mesmo principalmente pela família e pelas mídias (o que assistem, com que brinquedo brincam, fotos em livros didáticos e as roupas). Logo, incentivar a representatividade é incentivar o respeito, a inclusão de todos os grupos, a aceitação de características pessoais, e visibilizar todas as histórias (SOUSA, 2020).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Para atingir os objetivos deste estudo, foi realizada uma pesquisa do tipo bibliográfica básica, uma vez que não tem por finalidade a resolução imediata de um problema. A vantagem em adotar esta modalidade de pesquisa consiste na possibilidade de uma maior cobertura espacial do fenômeno a ser investigado. (GIL, 2008) Preliminarmente, para compor o Referencial Teórico foi realizada uma ampla pesquisa em títulos de referência na Biblioteca da Faculdade Cathedral e acervo pessoal acerca do tema “Impacto da representatividade feminina no cinema na formação de identidade”. As palavras-chave representatividade feminina, identidade, representação, cinema, identificação, desta pesquisa serviram como critério de inclusão. As demais foram descartadas da seleção do estudo.

Após a delimitação do estudo, uma busca foi realizada acerca do tema em artigos científicos que foram publicados na base de dados Scielo, PEPSIC, revistas de universidades e faculdades. O critério de inclusão contemplou os artigos científicos correlatos à questão norteadora deste estudo que é: Como a representatividade pode impactar a formação de identidade da mulher? Diante disto, todos os demais casos foram excluídos do estudo.

Com o intuito de analisar a representatividade feminina nos filmes indicados ao Oscar de melhor filme, foram analisados todos os longas indicados nesta categoria nos últimos 10 anos, período entre 2013 e 2022. A análise foi realizada utilizando o teste de Bechdel, inventado em 1985 pela cartunista Alison Bechdel em seu quadrinho *Dykes to watch out for* (lésbicas para se ficar de olho) na tirinha *The Rule* (a regra), neste, uma personagem cita suas exigências para considerar assistir a um filme, sendo elas: I) ter ao menos duas personagens femininas nomeadas; II) as duas personagens devem conversar entre si; e III) essa conversa não pode ter como tópico um homem. Para que o filme seja considerado aprovado, deve contemplar todas essas exigências em seu enredo (FRAZÃO, 2018).

Para obtenção dos resultados, foi aplicado o método de análise de frequência, coletado a partir de uma base de dados já existente no site <https://bechdeltest.com/?list=all>, a amostra foi delimitada pelas autoras, a partir dos filmes que constam no site, indicados ao Oscar na categoria de Melhor Filme nos anos de 2013 a 2022.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Rocha (2019), de sua criação até a década de 60 os filmes apenas exibiam personagens femininas que desempenhavam dois tipos de personagens, o de meiga e inocente ou de sensual e dominante, e seu papel na trama era único, de apoio a narrativa do protagonista masculino. Oliveira e Oliveira (2020), afirmam que o cinema se moldou a partir daquilo que a cultura norte-americana tinha como gênero, raça e nacionalismo. Os filmes representavam o que a moral patriarcal julgava como certo ou errado, logo não mostrava a dimensão das lutas reais das mulheres fora das telas. Enquanto as mulheres reais lutavam, por exemplo, pelo direito ao voto, os filmes as retratam como meras distrações e ameaça aos homens, por conta de suas personalidades sensuais e provocativas, os distraíndo de chegar no seu destino de sucesso. Seu comportamento quando condenado por essa moral era punido com um final infeliz.

O filme *The Love Witch* (2016), ironiza essa época do cinema, ele se utiliza da estética nostálgica dos anos 60 e coloca uma mulher inteligente e poderosa como protagonista com um único objetivo, conquistar o homem dos seus sonhos por meio da magia. Por vezes, o filme se utiliza do exagero da personagem Elaine, em ser amada e se adaptar ao desejo dos homens para conseguir que

eles a amem, para ilustrar como o cinema clássico diminuía suas protagonistas femininas cheias de potencial a meras desesperadas por amor.

Mulvey (1975), impulsionada pela segunda onda do feminismo no início dos anos 70, contribuiu para a Teoria Feminista do Cinema. Segundo ela, a mulher na cultura patriarcal tem apenas o papel do outro a figura masculina, ela serve como símbolo do desejo e fantasia do homem, seus enredos nunca pertencem a sua própria realidade, mas aquilo que o patriarcado julga ser o seu papel. Oliveira e Oliveira (2020), pontuam como a Teoria Feminista do Cinema contribuiu para que mais filmes protagonizados por mulheres fossem produzidos, contudo, esses filmes acabaram por criar e reforçar estereótipos acerca da mulher, um desses foi o da mulher pouco feminina ou feminista raivosa.

No filme *10 Coisas Que Eu Odeio Em Você* (1999), podemos ver claramente dois estereótipos que surgiram nos filmes. Nesse é retratado duas irmãs Bianca e Kat; Bianca é tudo que o cinema tem como a garota doce e inocente, ela veste apenas cores claras, vestidos, o cabelo está sempre com algum penteado infantilizado e sua maior aspiração é ser popular e namorar um homem popular. Já Kat é a representação daquilo que o cinema condenaria como feminista que desiste de sua feminilidade, ela veste roupas despojadas, seu cabelo nunca está bem penteado, ela odeia outros adolescentes e não tem interesse em se relacionar amorosamente com ninguém.

Larocca (2014), argumenta como os filmes terror *slasher* dos anos 70 e 80, disfarçadamente, retratavam os valores conservadores da época. Afinal, todos os adolescentes, principalmente as mulheres, que tinham comportamentos malvistas pela sociedade (consumo de álcool, drogas, sexo fora do casamento etc.) eram punidos de forma violenta pelo assassino. Enquanto as protagonistas, que retratavam figuras mais conservadoras, que não participavam e nem concordavam com tais atividades ilícitas, eram as sobreviventes finais. Isso conversa diretamente com o que Oliveira e Oliveira (2020) falam sobre a punição feminina nos filmes até a década de 60. O modo como essa punição é mostrada mudou, afinal os jovens mudaram através da década, porém o costume de reproduzir o que a moral condena e o que ela acha correto continua.

Segundo Feitoza (2021), o fim dos anos 80 popularizou o gênero de filmes das comédias românticas, nesse encontramos novamente personagens femininas sem grande profundidade. Lima (2010), comenta como as comédias românticas continuam populares mas pouco mudaram ao longo da sua existência, inclusive herdaram muitos dos estereótipos que já existiam em filmes dos anos 50. As mulheres nesses filmes continuam unilaterais, são sonhadoras e desesperadas por amor ou totalmente desacreditadas do amor e fogem de relacionamentos mas sua conclusão permanece a mesma, ambas encontrarão o amor e terão um final feliz, mesmo que isso vá contra a construção de suas personalidades ao longo do filme, geralmente tendo uma brusca mudança de comportamento para justificar esse fim.

No filme *500 Dias Com Ela* (2009), é apresentado o personagem Summer, interesse amoroso do personagem principal, Tom. Apesar de não saber nada sobre Summer, além de que os dois gostam da banda The Smiths, Tom se apaixona, indicando que ele não a ama, mas sim ama o ideal que criou dela. O filme aborda o relacionamento conturbado dos dois já que Summer não é a favor de relacionamentos e não acredita no amor enquanto Tom sim. Apesar de Summer deixar claro desde o início que não queria entrar em um relacionamento sério com Tom e ele concordar com isso, o filme a vilaniza quando a mesma, após terminar com Tom, se casa com outro homem, mesmo que as expectativas de Tom de ter um futuro com Summer fossem unicamente dele. Summer é o que Dutra e Herzog (2016) e Rabin (2014) chamam de *Manic Pixie Dream Girl* (garota maníaca fadas dos sonhos), ela é tudo aquilo que o protagonista deseja como ideal, é meiga, excêntrica, misteriosa e não tem qualquer profundidade em sua própria trama, existindo apenas para ensinar algo ao personagem masculino principal e permitir que ele evolua como pessoa.

Estereótipos como este, segundo Oliveira e Oliveira (2020), reprimem a visão que se tem das mulheres na sociedade, seu comportamento, seu jeito de vestir, os papéis que elas devem tomar e quais não devem. Cadore e Monteiro (2018), irão citar alguns destes estereótipos como o da coadjuvante hiper-competente, onde a personagem feminina é muito mais habilidosa que os

masculinos mas ainda assim é colocada em posição de vítima e do princípio Smurfette, onde no filme existe apenas uma mulher em destaque, quase como uma cota de representatividade feminina.

Esses dois estereótipos podem ser notados na personagem Hermione de *Harry Potter* (2001, 2011), ela é a única mulher em evidência na maior parte dos filmes, e apesar de ser a mais inteligente e habilidosa entre o trio de protagonistas seus feitos nunca chegam nem aos pés dos do protagonista masculino menos habilidoso e nunca é dela o crédito por salvar o dia. Essas personagens são uma resposta a crítica de falta de personagens femininas fortes em evidência, é notável que as mulheres estão lá, são fortes e tem enredo, porém elas continuam sendo projetadas ao redor de protagonistas homens e seus enredos continuam perdendo importância para que os deles possam chegar ao heroísmo.

Outro assunto discutido por Cadore e Monteiro (2018) é a influência do chamado androcentrismo na cultura pop, nesse se afirma que o homem (branco, cis, hetero) e seu ponto de vista são o padrão para toda a humanidade. Logo, personagens como Hermione não poderiam ser protagonistas, afinal não são homens e não poderiam exercer uma representação para todos. Esse fenômeno vê que mulheres representam só a si mesmas enquanto os homens representam e causam identificação a todos, por conta disso, homens quase sempre são escolhidos para protagonismo. É interessante observar como esse fenômeno é cristalizado no cinema, tendo como exemplo, o fato de que até 2016 o número de filmes de super heróis protagonizados por mulheres era zero, tendo o primeiro filme protagonizado por uma super heroína apenas em 2017 com o filme *Mulher Maravilha* (2017). Porém, é possível questionar se mulheres não podem mesmo representar o grande público quando *Mulher Maravilha* (2017) e *Capitã Marvel* (2019), ambos protagonizados por mulheres, foram a nona maior bilheteria em 2017, e a quinta maior bilheteria em 2019, respectivamente, segundo o site Omelete.

Gaines (1999), não nega que todas as mulheres sofrem com estereótipos que depreciam seus papéis na sociedade, porém, é inegável que os estereótipos que a mulher negra irá sofrer são diferentes do da mulher branca. Young (1996), afirma que a Teoria Feminista do Cinema proposta por Mulvey (1975) não é inclusiva para mulheres não-brancas, afinal, resume a luta das mulheres como se fosse uma só. Os estereótipos da mulher negra são marginalizados, e em sua maioria, irá interpretar papéis que a resumem a sua cor de pele, como filmes sobre escravidão e segregação, também terão o papel de servir como contraposto para a protagonista branca, nesse se encaixa um arquétipo que ocorre com frequência nos filmes, o da melhor amiga negra da protagonista, este pode ser observado em filmes como *As Patricinhas de Beverly Hills* (1995), *High School Musical* (2005), e *Todo Mundo em Pânico* (2000). Nestes, as personagens negras não recebem seu próprio enredo, estão lá apenas para servir de conselheiras ou alívio cômico para a protagonista branca.

Para entender a importância de não resumir as lutas femininas a uma só se destacada dois pontos; primeiramente do ponto histórico, segundo Oliveira e Oliveira (2020), enquanto em 1920 as mulheres brancas lutavam pelo seu direito ao voto, as mulheres negras ainda sofriam com a segregação racial nos Estados Unidos, que as impediam de ter inúmeros direitos, inclusive de utilizar o mesmo banheiro que pessoas brancas. Outro ponto é o padrão de beleza, Ferreira (2018), pontua como o padrão de beleza feminino sempre foi o da pele branca, dificultando assim a identificação da mulher negra nesse padrão.

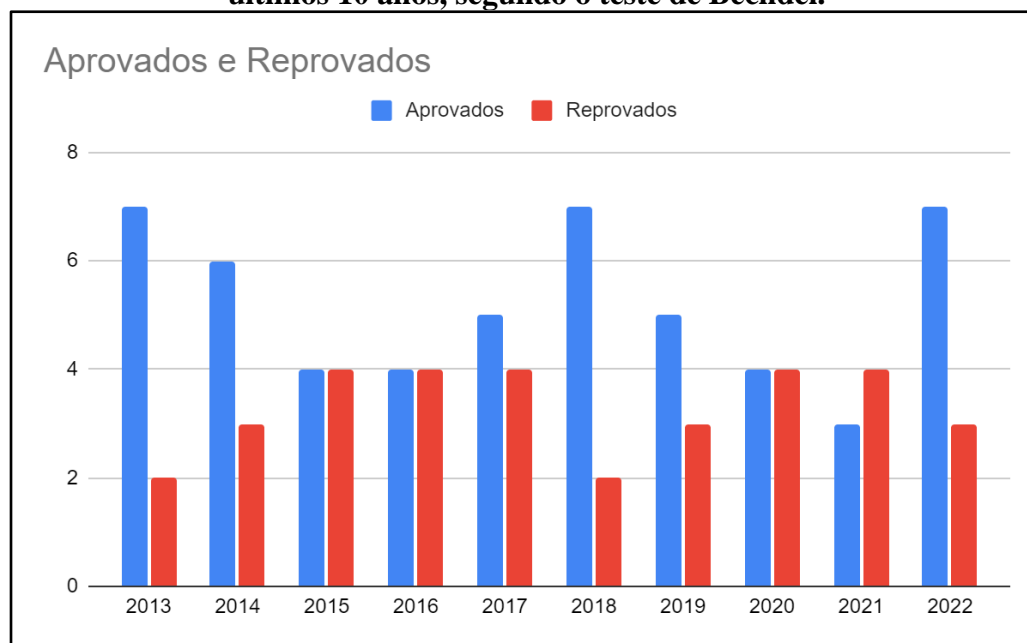
Segundo Cadore e Monteiro (2018), a falta de representatividade feminina na produção dos filmes é um dos principais motivos para que esses estereótipos continuem sendo perpetuados. Ao analisar 250 filmes lançados entre 1998 e 2012 foi possível perceber que as mulheres estavam à frente do roteiro e direção de apenas 15% e 2% dos filmes, respectivamente. A falta de mulheres na criação de filmes dificulta que o fenômeno classificado por Mulvey (1975), como *male gaze* (visão masculina) dê lugar para o *female gaze* (olhar feminino) de suas próprias narrativas.

A Entidade das Nações Unidas Para a Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres (UN Women), usou suas redes sociais para fazer uma crítica ao fato de que nenhuma mulher foi indicada ao prêmio de Melhor Direção nos Oscars tanto no ano de 2009 quanto no de 2019. Mostrando

que, mesmo ao longo de uma década, pouco foi feito para a inclusão de mulheres nas categorias mais importantes da premiação. Inclusive, ao longo de seus quase 100 anos, apenas sete mulheres foram indicadas na categoria de direção e apenas duas já ganharam o prêmio.

O teste de Bechdel, avalia a representação feminina em filmes através de três critérios, sendo eles, I) ter ao menos duas personagens femininas nomeadas; II) as duas personagens devem conversar entre si; e III) está conversa não pode ter um homem como foco principal; para que um filme seja considerado aprovado, ele deve contemplar todas essas categorias. Para se analisar a representatividade feminina nos filmes foi utilizado os critérios do Teste de Bechdel aplicado aos indicados na categoria do Oscar de Melhor Filme dos últimos dez anos (2013-2022), conforme anexo, dos 85 filmes analisados, 52 passaram no teste, totalizando mais da metade dos filmes concorrentes. Destes, 33 filmes reprovaram, sendo que 20 reprovaram por contemplar apenas uma categoria do teste (ter ao menos uma mulher nomeada), 8 duas categorias (ter ao menos uma mulher nomeada e duas personagens femininas que conversam entre si) e 5 não contemplavam nenhuma das exigências. Dos filmes vencedores da categoria, 6 foram aprovados e 4 reprovados, os resultados ficam mais bem visualizados na tabela 1.

Figura 4.1: Representatividade feminina em filmes indicados ao Oscar de Melhor Filme nos últimos 10 anos, segundo o teste de Bechdel.



Fonte: Elaborado pelas autoras com os dados disponíveis: em <https://bechdeltest.com/?list=all>

É importante se atentar ao fato de que até 2014, segundo Frazão (2014), 94% dos votantes da Academia de Ciências Cinematográficas de Hollywood, que elege os indicados ao Oscar, eram homens e brancos com idade média de 63 anos de idade. Procurando incorporar mais representatividade e diversidade na academia, em 2016, foram adicionados mais 283 nomes à lista de votantes, pertencentes a 53 países diferentes. Essa mudança fica perceptível com o aumento de filmes aprovados no teste de Bechdel nos anos de 2017, 2018 e 2022.

Outro dado interessante, é que a partir do ano de 2019, filmes com temáticas mais diversas e com mais pluralidade cultural começaram a ganhar mais destaque na premiação, como por exemplo, o longa *Parasita* (2019), que foi o primeiro filme da Coreia do Sul a ganhar um Oscar de Melhor Filme. No ano de 2021, apesar de ter tido uma baixa na quantidade de filmes aprovados no teste, foi um dos anos com maior representatividade e diversidade nos seus indicados, com filmes como *Judas e o Messias Negro* (2020), que narra a história dos panteras negras, grupo super importante na luta

contra segregação racial; *Minari* (2020), filme sobre uma família coreana imigrante nos Estados Unidos e *Sound of Metal* (2020), que conta a história de um músico que perde a audição.

Olhando mais especificamente para a representatividade feminina, 7 dos filmes vencedores na categoria de Melhor Filme, eram protagonizados ou tinham uma mulher em papel de destaque. Filmes como *Nomadland* (2020), *Bela Vingança* (2020) e *Adoráveis Mulheres* (2019), são destaques por apresentarem histórias centradas no desenvolvimento e amadurecimento de suas protagonistas, se desviando bastante do padrão de personagem masculino como centro, um fato interessante sobre esses três filmes é que todos foram dirigidos e roteirizados por mulheres.

Frazão (2018), salienta o fato de que o teste Bechdel não é fonte absoluta de análise de representatividade, afinal, basear se um filme é sexista ou não por apenas três perguntas pode ser injusto com alguns filmes, como por exemplo em *Histórias de um Casamento* (2019), que apesar de conter duas protagonistas femininas fortes, foi reprovado, já que a narrativa gira em torno de um divórcio então as mesmas, mesmo que indiretamente, estão falando sobre um homem. Ainda assim, o teste não deixa de ser importante para detectar narrativas rasas, que pouco exploram suas mulheres, e que apresentam mas não representam suas protagonistas.

A falta de mulheres em posição de destaque impacta diretamente no processo de se sentir representado, Freud (1923, 1925), afirma que a cultura é muito influente nesse processo, afinal, o processo de identificação é a procura de figuras que se pareçam com as características que o indivíduo tem como suas, procura essa que ocorre, mesmo que de forma inconsciente, quando se assiste a um filme. Segundo Santos e Casetto (2020), histórias contribuem com o fortalecimento do ego, que para a psicanálise é o responsável por interpretar a realidade. As histórias exercem um papel de entregar personagens que dialoguem com as lutas internas daqueles que a consomem. Então, representação de mulheres fortes, em papéis de poder e donas de suas próprias narrativas impactam de forma positiva o desenvolvimento do ego de jovens mulheres.

Como defesa para algumas situações de opressão sofridas pelas mulheres durante seu processo de identificação, muitas sonham com o conforto da gestão familiar, isso ocorre por conta de que desde sempre as mulheres são ensinadas de que seu principal papel é a da maternidade e cuidado familiar. Essa situação é muito reforçada pelos filmes, voltando para o que foi dito por Oliveira e Oliveira (2020), as mulheres que seguiam os padrões esperados para elas eram agraciadas com narrativas mais fáceis e com finais felizes enquanto as que se desviavam desse padrão e mostravam a mínima iniciativa de independência tinham narrativas mais dificultosas e eram punidas de forma simbólica pelos seus atos.

Para Sousa (2020), a representatividade desperta afetividade, é se sentir acolhido sem precisar renunciar a suas próprias características e personalidade. A exclusão de certos grupos minoritários impede que esse processo possa acontecer de forma orgânica, vendendo a ideia de que a única forma de ser aceito em um grupo é mudando suas características para atingir um padrão imposto pela mídia, isso afeta diretamente a autoestima daqueles que consomem essas mídias. Usando como exemplo o que foi levantado por Ferreira (2018), as mulheres negras cresceram vendo nas grandes mídias suas figuras atuando como secundárias na trama, sendo resumidas a marginalização e sexualidade e sendo excluídas do padrão de beleza. Dar mais oportunidades para mulheres negras representarem protagonistas em destaque, em posição de poder, com narrativas que vão além de sua pele e rever o que é visto como padrão de beleza teria um impacto extremamente positivo na autoestima dessas mulheres e nas crianças que cresceriam com mais figuras que as representem.

A representatividade é de grande importância para a formação de identidade, ela possibilita a criação de referências positivas para as pessoas, afinal quando um indivíduo vê, por exemplo, um filme com um personagem que tem características físicas parecidas com as dele representando um papel de destaque, ele pode olhar para as suas próprias características com mais afeto e se espelhar naquele personagem, além disso se sente pertencente a um grupo. É importante divulgar e discutir nas grandes mídias sobre a temática, afinal, elas possuem grande poder sobre a ideia geral de papéis na sociedade. É crucial buscar trazer mais diversidade cultural aos grupos que tiveram menos espaço

ao longo dos anos para expressar suas ideias, permitindo que no futuro seja possível ter uma visão de si mesmo mais diversa e justa, ressignificando o que era visto até agora como padrão absoluto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou entender qual o impacto das representações femininas nos filmes na formação de identidade para compreender como isso afeta a autoestima e a identificação de jovens mulheres que crescem consumindo estas mídias, a partir de uma revisão na bibliografia sobre o assunto e analisando os últimos indicados ao Oscar de melhor filme através do teste de Bechdel.

Para atingir uma compreensão da importância da representatividade no processo de formação de identidade, definiu-se os objetivos de caracterizar a participação das mulheres nos filmes; analisar os papéis dados a elas; verificar o uso de estereótipos e sexualização das mulheres no cinema e como isso afeta a imagem; ilustrar a importância da representatividade feminina; e relacionar o papel da representatividade na formação de identidade.

Com isso concluiu-se que, desde sua criação o cinema se utilizou da figura da mulher para exprimir o que a sociedade via como o outro para a figura do homem, seus enredos nunca falavam por si mesmas mas sobre as fantasias e desejos que a visão masculina tem da mulher. Quando esse problema tentou ser melhorado, incluindo mais narrativas femininas em filmes, só se criou um novo problema, uma série de estereótipos que ainda impediam as mulheres de serem representadas como realmente eram no mundo real e que ainda as colocavam como menos importantes ou com narrativas dependentes de homens independente de quão fortes ou bem desenvolvidas suas próprias narrativas fossem. Quando se fala de representatividade da mulher negra a situação se torna ainda mais alarmante, afinal, até os próprios movimentos feministas na maioria das vezes inviabilizam as diferenças de tratamento que cada mulher recebe na indústria, onde, apesar da mulher branca sofrer com estereótipos redutivos, sua aparência ainda é vista como desejável e um padrão a ser seguido, enquanto que a mulher negra estava ali para servir como o outro desta aparência, ou muito engraçada para ser bonita, ou muito vulgar.

O uso do teste de Bechdel permitiu perceber um aumento na presença de mulheres em filmes mais recentes, contudo, seus critérios de avaliação não ilustram bem o quão satisfatórias são suas representações e o quão importantes para a trama são suas narrativas. No entanto, foi possível perceber que, filmes dirigidos ou roteirizados por mulheres costumam conter representações e enredos que coincidem mais com os conflitos e desejos das mulheres reais, porém, seu espaço ainda é muito restrito em comparação com o espaço dado a diretores e roteiristas do sexo masculino.

O trabalho mostrou como se dá a representatividade feminina tanto entre personagens como na equipe de produção de um filme e o quanto esses dois dados podem estar ligados, quando se trata em falta de oportunidades e enredos mais verossímeis acerca da realidade feminina.

Com isso a hipótese do trabalho de que a representatividade é de grande importância na formação de identidade, pois dá voz ao diferente, permite aqueles que estão na fase de descoberta ter figuras que se assemelham a eles independente do visto como padrão, e que, falta de representatividade no cinema é um dos fatores que contribui para que se acredite que só existe um padrão a ser seguido, e que qualquer coisa fora da curva é descartada, afetando a autoestima das mulheres que crescem tentando se adequar a esses padrões, se confirmou, já que a análise permitiu concluir que, a falta de boas representações impactam diretamente na formação de identidade e na criação de uma boa autoestima, não se sentir representada ou pertencente a um grupo acarreta numa necessidade de adequação de padrões inalcançáveis de beleza, amor e maternidade para a maiorias das mulheres. Ter boas representações faz com que o indivíduo possa olhar com carinho para suas próprias características e destrói a mensagem de que a pessoa não se adequa a tal papel por conta de suas características físicas, sexo ou sexualidade.

Durante a elaboração deste trabalho foi encontrado uma vasta bibliografia dos assuntos contidos nele de forma separada, porém, a cultura e a formação de identidade unidos como um único tópico ainda é carente de pesquisa. Desta forma, essa pesquisa procurou trazer discussões de como

esses temas se entrelaçam, e são um assunto em evidência principalmente nos últimos anos com a expansão da internet e a globalização de temáticas femininas e de sexualidade, e que o uso da cultura para ilustrar e auxiliar no âmbito psicológico é muito bem-vinda

REFERÊNCIAS

- BRIDI, Natália. As 10 maiores bilheterias de 2017. **Omelete**, 2017. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/velozes-e-furiosos-8/as-10-maiores-bilheterias-de-2017#1>. Acesso em: 1 jun. 2022.
- BRIDI, Natália. As 10 maiores bilheterias de 2019. **Omelete**, 2019. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/bilheteria-usa/maiores-bilheterias-de-2019>. Acesso em: 1 jun. 2022.
- CADORE, Caroline Bresolin Mais; MONTEIRO, Kimberly Farias. A representatividade do papel da mulher no cinema face ao domínio masculino. **Direitos Fundamentais nos novos cenários do século XXI**, Porto Alegre- RS, p. 29-45, 2018. Disponível em: <http://www.precog.com.br/bc-texto/obras/2019-pack-024.pdf#page=29>. Acesso em: 24 fev. 2022.
- DUTRA, Nathália; HERZOG, Vivian. A representação feminina no cinema através do arquétipo manic pixie dream girl. **Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Curitiba- PR, 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0521-1.pdf>. Acesso em: 18. mar. 2022.
- FEITOZA, Alexandra Vitória Modesto; RODRIGUES, Emer Merari. Notas Sobre a Representatividade Feminina: da Literatura ao Cinema Contemporâneo. **Revista Científica Novas Configurações: Diálogos Plurais**, Luziânia, v.2, ed. 1, p.19-35, 2021. Disponível em: <https://app.periodikos.com.br/article/10.4322/2675-4177.2021.003/pdf/dialogosplurais-2-1-19.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2022.
- FERREIRA, Ceiza. Reflexões sobre “a mulher”, o olhar e a questão racial na teoria feminista do cinema. **Famecos**, Porto Alegre, v.25, n.1, p.1-24, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/26788/16251>. Acesso em: 26 fev. 2022.
- FRAZÃO, Jéssica. A representação do feminino na tela: uma análise da cinematografia brasileira postulante ao Oscar de melhor filme em língua estrangeira (2010 - 2016). **Culturas midiáticas**, Paraíba, v. XI, n. 21, 2018. Disponível em: <https://periodicos.bbn.ufpb.br/index.php/cm/article/view/43527/21574>. Acesso em: 29 set. 2022.
- FREUD, Sigmund. **O eu e o id**. in S. Freud. Obras completas, volume 16: O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923,1925) p. 13-74. São Paulo: Companhia das Letras.
- GAINES, Jane. **White privilege and looking relations: race and gender in feminist film theory**. In: Thornham, Sue (Ed.). **Feminist film theory: a reader**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999. p. 293-306.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUBERNIKOF, Giselle. A Imagem: representação da mulher no cinema. **Conexão: comunicação e cultura**, Caxias do Sul, v.8, n.15, p.65-77, jan./jun., 2009. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/113/104>. Acesso em: 18 mar. 2022.

KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema**: os dois lados da câmera. Rio de Janeiro: Artemídia; Rocco, 1995.

LARocca, Gabriela Muller. O Corpo Feminino no Cinema de Horror: Representações de Gênero e Sexualidades nos Filmes Carrie, Halloween e Sexta-Feira 13 (1970-1980). **Anais do XV Encontro Estadual de História: 1964-2014: Memórias. Testemunhos e Estado**, UFSC, Florianópolis, 2014. Disponível em:
http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/31/1405613859_ARQUIVO_TrabalhoCompletoGabrielaLarocca.pdf. Acesso em: 24 fev. 2022.

LIMA, Cecília Almeida Rodrigues. **Da Bond Girl a Comédia Romântica**: Identidades Femininas no Cinema de Hollywood. Orientadora: Dra. Cristina Teixeira Vieira de Melo. 2010. Tese (Pós graduação em comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2010.

MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. **Screen**, v.16, n.3, p. 6-18, 1975.

OLIVEIRA, Vitória Farinha de; OLIVEIRA, Gerson de Lima. De mulheres fatais as super-heroínas: uma análise da história da representação feminina no cinema. **Temática**, João Pessoa- PB, v.12, p.250-265, dezembro de 2020. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/56667/32194>. Acesso em: 15 de mar. 2022.

RABIN, Nathan. I am sorry for coining the phrase “Manic Pixie Dream Girl”. In: **Salon**, 15 jul. 2014. Disponível em:
https://www.salon.com/2014/07/15/im_sorry_for_coining_the_phrase_manic_pixie_dream_girl/. Acesso em: 18 mar. 2022.

ROCHA, Caroline Gomes. A mulher e o cinema: Uma Breve Análise da Representação Feminina na Era de Ouro do Cinema Americano. **Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, São Luís- MA, 2019. Disponível em
<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0037-1.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2022.

SANTOS, Marina Gonçalves Gonzaga dos; CASOTTO, Sidnei José. **Os processos de identificação na adolescência e sua relação com as obras literárias**: relato de pesquisa. Scielo. Santos- SP. 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/T3NcRTJLy5mtH7xxZsxyVCB/?lang=pt>. Acesso em: 14 mar. 2022.

SILVA, Bianca Cristina Batista da. **A representatividade da mulher negra no cinema hollywoodiano**. Orientadora: Flor Marlene E. Lopes. 2017. 33f. Trabalho de conclusão de curso (bacharel em jornalismo)- Centro Universitário de Brasília- UniCEUB, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/11474/1/21506149.pdf>. 28 fev. 2022.

SOUSA, Bárbara Léia Lopes. **A Importância da Representatividade Para Grupos Minoritários**: Uma revolução na construção de identidade. Orientadora: Dra. Surya Aaronovich Pombo de Barros. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa- PB, 2020. Disponível em:
https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17617?locale=pt_BR. Acesso em: 2 maio 2022.

UN Women - Entidade das Nações Unidas Para a Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres. **“It's an honour just to be nominated”**. no woman director will say at the Oscars this year. 22 Jan. 2019. Twitter: @Un_Women. Disponível em:

https://twitter.com/UN_Women/status/1087753226026434563?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1087753226026434563%7Ctwgr%5E68b5c0536cb71e35e1b9b595cd2674379c801144%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fbrasil.elpais.com%2Fbrasil%2F2019%2F01%2F28%2Fcultura%2F1548700067_425817.html. Acesso em: 1 jun. 2022.

YOUNG, Lola. **Fear of the dark**: race, gender and sexuality in the cinema. London: Routledge, 1996.

FILMOGRAFIA

10 COISAS QUE EU ODEIO EM VOCÊ. Dirigido por Gil Junger, Estados Unidos: Touchstone Pictures, 1999. 1 DVD (97 min).

500 DIAS COM ELA. Dirigido por Marc Webb, Estados Unidos: Searchlight Pictures, 2009. 1 DVD (95 min).

ADORÁVEIS MULHERES. Dirigido por Greta Gerwig, Estados Unidos: Columbia Pictures, 2019. 1 DVD (135 min).

AS PATRICINHAS DE BEVERLY HILLS. Dirigido por Amy Heckerling, Estados Unidos: Paramount Pictures, 1995. 1 DVD (97 min).

BELA VINGANÇA. Dirigido por Emerald Fennell, Estados Unidos: FilmNation Entertainment, 2020. 1 DVD (113 min).

CAPITÃ MARVEL. Dirigido por Anna Boden e Ryan Fleck, Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2019. 1 DVD (130 min).

HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL. Dirigido por Chris Columbus, Reino Unido: Warner Bros, 2001. 1 DVD (142 min).

HIGH SCHOOL MUSICAL. Dirigido por Kenny Ortega, Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 2006. 1 DVD (98 min).

JUDAS E O MESSIAS NEGRO. Dirigido por Shaka King, Estados Unidos: BRON Studios, 2021. 1 DVD (126 min).

MINARI. Dirigido por Lee Isaac Chung, Estados Unidos: Plan B Entertainment, 2021. 1 DVD (155 min).

MULHER MARAVILHA. Dirigido por Patty Jenkins, Estados Unidos: Warner Bros, 2017. 1 DVD (141 min).

NOMADLAND. Dirigido por Chloé Zhao, Estados Unidos: Cor Cordium Productions, 2020. 1 DVD (108 min).

PARASITA. Dirigido por Bong Joon Ho, Coreia do Sul: CJ Entertainment, 2019. 1 DVD (132 min).

SOUND OF METAL. Dirigido por Darius Marder, Estados Unidos: Caviar, 2019. 1 DVD (120 min)

THE LOVE WITCH. Dirigido por Anna Biller, Estados Unidos: Anna Biller Productions, 2016. 1 DVD (120 min).

TODO MUNDO EM PÂNICO. Dirigido por Keenen Ivory Wayans, Estados Unidos: Dimension Films, 2000. 1 DVD (88 min).

Anexo 1 - Resultados do teste de Bechdel

Filme	Aprovado	Reprovado em todas as categorias	Aprovado em apenas 1 categoria	Aprovado em apenas 2 categoria
Argo (2012) - Vencedor	X			
Amour (2012)	X			
Indomável sonhadora - Beasts of the southern Wild (2012)	X			
Django livre - Django unchained (2012)			X	
Os miseráveis - Les miserables (2012)	X			
As aventuras de Pi - Life of pi (2012)			X	
Lincoln (2012)	X			
O lado bom da vida - Silver linings playbook (2012)	X			
A hora mais escura - Zero dark thirty (2012)	X			
12 anos de escravidão - 12 years a slave (2013) - Vencedor	X			
Trapaça - American hustle (2013)	X			
Capitão Phillips - Captain phillips (2013)			X	
Clube de compras Dallas - Dallas buyers club (2013)	X			
Gravidade - Gravity (2013)		X		
Ela - Her (2013)				X
Nebraska (2013)	X			
Philomena (2013)	X			
O lobo de Wall Street - The wolf of Wall Street (2013)	X			
Birdman (2014) - Vencedor	X			
Sniper americano - American sniper (2014)			X	

Filme	Aprovado	Reprovado em todas as categorias	Aprovado em apenas 1 categoria	Aprovado em apenas 2 categoria
Da infância à juventude - Boyhood (2014)	X			
O grande hotel Budapeste - The grand Budapest hotel (2014)			X	
O jogo da imitação - The imitation game (2014)				X
Selma (2014)	X			
A teoria de tudo - The theory of everything (2014)	X			
Whiplash (2014)			X	
Segredos revelados - Spotlight (2015) - Vencedor			X	
A grande aposta - The big short (2015)			X	
Ponte dos espões - Bridge of spies (2015)			X	
Brooklyn (2015)	X			
Estrada da fúria - Mad max (2015)	X			
Perdido em marte - The martian (2015)	X			
O regresso - The revenant (2015)		X		
O quarto de Jack - Room (2015)	X			
Sob a luz do luar - Moonlight (2016) - Vencedor			X	
A chegada - Arrival (2016)	X			
Um limite entre nós - Fences (2016)	X			
Até o último homem - Hacksaw ridge (2016)			X	
A qualquer custo - Hell or high water (2016)			X	
Estrelas através do tempo - Hidden figures (2016)	X			

Filme	Aprovado	Reprovado em todas as categorias	Aprovado em apenas 1 categoria	Aprovado em apenas 2 categoria
Cantando estações - La la land (2016)	X			
Uma jornada para casa - Lion (2016)				X
Manchester a beira mar - Manchester by the sea (2016)	X			
A forma da água- The shape of water (2017) - Vencedor	X			
Me chame pelo seu nome - Call me by your name (2017)	X			
O destino de uma nação - Darkest hour (2017)				X
Dunkirk (2017)		X		
Corra - Get out (2017)	X			
A hora de voar - Lady bird (2017)	X			
Trama fantasma - Phantom thread (2017)	X			
A guerra secreta - The post (2017)	X			
Três anúncios para um crime - The billboards outside ebbing, Missouri (2017)	X			
O guia - Green book (2018) - Vencedor			X	
Pantera negra - Black panther (2018)	X			
Infiltrados na Klan - BlacKKKlansman (2018)	X			
Bohemian Rhapsody (2018)				X
A favorita - The favourite (2018)	X			
Roma (2018)	X			
Nasce uma estrela - A star is born (2018)	X			
Vice (2018)				X

Filme	Aprovado	Reprovado em todas as categorias	Aprovado em apenas 1 categoria	Aprovado em apenas 2 categoria
Ford vs Ferrari (2019)		X		
O irlandês - The Irishman (2019)			X	
Jojo Rabbit (2019)	X			
Coringa - Joker (2019)	X			
Adoráveis mulheres - Little Women (2019)	X			
Histórias de um casamento - Marriage Story (2019)				X
1917 (2019)		X		
Era uma vez... em Hollywood - Once upon a time... in Hollywood (2019)	X			
Nomadland (2020) - Vencedor	X			
Judas e o messias negro - Judas and the black messiah (2020)				X
Mank (2020)			X	
Minari (2020)	X			
Bela vingança - Promising young woman (2020)	X			
O som do silêncio - Sound of metal (2020)			X	
Os 7 de Chicago - The trial of the Chicago 7 (2020)			X	
No ritmo do coração - CODA (2021) - Vencedor	X			
Belfast (2021)			X	
Não olhe para cima - Don't look up (2021)	X			
Drive my car (2021)	X			
Duna (2021)	X			

Filme	Aprovado	Reprovado em todas as categorias	Aprovado em apenas 1 categoria	Aprovado em apenas 2 categoria
Criando campeãs - King Richard (2021)	X			
Licorice pizza (2021)	X			
O beco do pesadelo - Nightmare alley (2021)			X	
Ataque dos caes - The power of the dog (2021)			X	
Amor sublime amor - West side story (2021)	X			

Fonte: Elaborado pelas autoras com os dados disponíveis: em <https://bechdeltest.com/?list=all>